



GINÁSTICA PARA TODOS E CULTURA POPULAR: ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO PARA PRODUÇÕES COREOGRÁFICAS

Romulo Fernandes Antonaccio⁵⁷

romulo.antonaccio@ufvjm.edu.br

Juliana Nogueira Pontes Nobre⁵⁸

junobre2007@yahoo.com.br

Claudia Mara Niquini⁵⁹

cauniquini@gmail.com

Priscila Lopes⁶⁰

priscalopes@usp.br

A coreografia é uma das características presentes na maioria das ginásticas organizadas pela Federação Internacional de Ginástica e também é frequente em algumas ginásticas de condicionamento físico. Porém, na Ginástica Para Todos (GPT), prática corporal que contempla atividades no campo da ginástica, dança, jogos, teatro, etc., a coreografia possui particularidades que a difere totalmente das demais práticas gímnicas, tais como a valorização do processo de construção coreográfica, o aspecto coletivo e colaborativo deste processo e o potencial de expressão e comunicação presentes na composição (LOPES; BATISTA; CARBINATTO, 2017). Dentre as possibilidades que direcionam e instigam a construção de uma coreografia (ideias originadas a partir de um material, música, cenário, etc.), destacamos a definição de um tema como um estímulo para o processo criativo. É por meio da tematização, momento privilegiado para que os envolvidos possam problematizar situações vividas ou dados concretos da realidade na qual estão inseridos, que os integrantes de um grupo de GPT são conduzidos à leitura, à interpretação e ao conhecimento do mundo que os cerca (MARCASSA, 2004). A utilização de temas na construção coreográfica também se apresenta como uma possibilidade para o grupo expressar seus sentimentos em torno de um assunto, os quais devem ser, previamente, identificados pelos sujeitos, propiciando o levantamento de uma série de reflexões e abstrações e, consequentemente, tomada de consciência e efetivação da estética (SBORQUIA, 2008). Em relação aos temas de culturas populares, Fátima e Ugaya (2016) salientam ser necessário um olhar atento para a forma como as manifestações são tratadas na coreografia. Ao invés de serem colocadas à margem, as culturas populares devem ser consideradas aspecto central da produção coreográfica, envolvendo uma investigação detalhada sobre o tema, a qual pode, inclusive, incorporar pessoas representantes de tais manifestações para contextualizar sua prática, promover vivências, dentre outras possibilidades, levando os sujeitos à uma imersão e, consequentemente, reflexão sobre a realidade de tais expressões. Corroboramos com as autoras supracitadas e acreditamos que, independente do tipo de tema, o processo de construção coreográfica em GPT deve ser pautado por princípios que busquem romper com uma educação bancária (FREIRE, 1994) e privilegiem a politicidade do ato educativo, de forma que a educação seja vista como uma construção e reconstrução contínua de significados de uma dada realidade, desafiando o sujeito a refletir sobre seu papel na sociedade e a repensar sua história ao mesmo tempo em que participa da ação educativa, fazendo com que sua ação e reflexão possibilitem alterar e transformar a

⁵⁷ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

⁵⁸ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

⁵⁹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

⁶⁰ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Universidade de São Paulo (USP).



realidade (FEITOSA, 2003). Diante do exposto, este estudo tem como objetivo apresentar uma das estratégias de pesquisa utilizadas pelo Grupo de Ginástica de Diamantina (GGD), projeto de extensão e cultura da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), o qual tem utilizado, desde o ano de 2018, visitas técnicas como estratégia de pesquisa para suas produções coreográficas que são orientadas por um tema. É por meio da extensão que a universidade oferece espaços de ensino-aprendizagem para além de seus muros com o propósito de estabelecer um diálogo com a sociedade, promovendo a comunicação entre os saberes científico e popular (ALMEIDA, 2015; SANTOS, 2008). Desta forma, a definição dos temas das coreografias do GGD passam por um processo de investigação, tematização e problematização, sendo este último item responsável por superar a visão ingênua sobre o assunto por uma visão crítica e reflexiva (FREIRE, 1994). A visita técnica é de suma importância para a fase da problematização, pois possibilita conhecer *in loco* a realidade que envolve o tema selecionado, de forma que a visão primeira, captada por meio de pesquisas documentais (referências bibliográficas, imagens, vídeos, reportagem em mídias eletrônicas etc.), seja ampliada ou até transformada a partir das experiências proporcionadas. Citamos como exemplo a coreografia “Do barro à arte”, criada em 2018 e inspirada na produção de cerâmica do Vale do Jequitinhonha. Na fase de pesquisa sobre o tema, 11 integrantes do GGD realizaram uma visita de dois dias à cidade de Araçuaí, MG, na qual foi desenvolvida diferentes atividades: visita ao “Museu de Araçuaí – Um presente de Frei Xico e Lira Marques” e ao Mercado Municipal de Araçuaí; oficina de produção de peças em argila com o ceramista Marcio Barbosa Silva; roda de conversa com a ceramista Lira Marques. Tal experiência possibilitou ao grupo observar aspectos de forma mais aprofundada e sensível, os quais não haviam sido levados em consideração na fase da pesquisa documental, tais como: a predominância do clima seco e a abundância de plantações de eucaliptos na região (observado durante o transporte para a cidade); o reconhecimento da produção de cerâmica como uma atividade artística e não somente artesanal; a precariedade de infraestrutura para a produção de cerâmica, mesmo quando o artista é reconhecido internacionalmente; o reconhecimento sobre a baixa condição socioeconômica do povo do Vale do Jequitinhonha; a necessidade de exaltar as riquezas do Vale de forma que se sobressaia sobre suas mazelas; as características das peças produzidas, as quais, em princípio, retravam a situação de miséria e, posteriormente, passaram a demonstrar momentos felizes do povo do Vale; a da dança do cocô para amassar o barro utilizado na produção de cerâmica de forma coletiva; a forma como a terra utilizada para tingir a cerâmica é captada nas encostas da região; dentre outros fatores. Ao retornarmos da visita, tais elementos foram codificados, segundo a orientação de Marcassa (2004), a qual propõe o processo de ressignificação dos movimentos (gímnicos ou próprios de determinada manifestação cultural) em signos de linguagem, transformando-os em movimentos gímnicos-expressivos. Em suma, registramos a riqueza dos processos vivenciados para a composição coreográfica em GPT, em especial, o (re)conhecer o local, o material e as pessoas que o tema aborda, ampliando o alcance da produção coreográfica e a sensibilidade que deve aparecer nos gestos, nos movimentos e nas pessoas que constroem e “se constroem” na GPT.

Palavras-chave: *Ginástica Para Todos; Construção coreográfica; Visita técnica.*

Referências:

- ALMEIDA, L. P. A extensão universitária no Brasil: processos de aprendizagem a partir da experiência e do sentido. *DIRE [En ligne]*. N.7, 2015.
- FÁTIMA, C. V.; UGAYA, A. S. Ginástica Para Todos e pluralidade cultural: movimentos para criar novos pensamentos. In: OLIVEIRA, M.; TOLEDO, E. (orgs.) **Ginástica para Todos: possibilidades de Formação e Intervenção**. Anápolis: UEG, 2016.



VIII Congresso de Ginástica Para Todos

7 a 9 de novembro - Caldas Novas - Goiás - Brasil

Ecos da história: territorialização da GPT no Brasil

- FEITOSA, S. C. S. O método Paulo Freire. In: GADOTTI, M.; GOMES, M.; FREIRE, L. (orgs.). Lecciones de Paulo Freire – cruzando fronteras: experiencias que se completan. Buenos Aires: Clacso, v.1, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- MARCASSA, L. Metodologia do ensino da ginástica: novos olhares, novas perspectivas. **Revista Pensar a Prática**, v.7, n.2, 2004.
- LOPES, P; BATISTA, M. S.; CARBINATTO, M. V. Ginástica para Todos e arte: diálogos possíveis na extensão universitária. In: Congresso de Ginástica Para Todos e Dança no Centro-Oeste, Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2017.
- SANTOS, B. S. Do conhecimento universitário ao conhecimento pluriversitário. In: SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. (orgs.). **A Universidade no século XXI**: para uma universidade nova. Coimbra: Edições Almedina, 2008.
- SBORQUIA, S.. Construção coreográfica: o processo criativo e o saber estético. In: PAOLIELLO, E. (org.). **Ginástica Geral**: experiências e reflexões. São Paulo: Phorte, 2008.